REVISTA COMCIÊNCIA
ISSN 2595-1890 [Online] – ISSN 1807-0124 [Impresso]

A AULA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DAS CATEGORIAS DE ESPAÇO E TEMPO

THE CLASS: A REFLECTION THROUGH THE LENSES OF SPACE AND TIME

Carmem Lúcia Eiterer[a,*]
ORCID: 0000-0002-6978-155X
Débora Santos Pereira[a]
ORCID: 0009-0001-1605-2097

[a] Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte, MG, Brasil
[*]Autor de correspondência: Carmem Lúcia Eiterer - E-mail: carmenl@ufmg.br

RESUMO:
Neste texto, propõe-se uma discussão acerca da aula a partir de dados produzidos no bojo de pesquisa de natureza qualitativa financiada pela Fapemig. Debate-se a percepção dos estudantes de graduação, matriculados em licenciatura, sobre a aula como evento. Para tanto, analisa-se a narrativa de estudantes matriculados na disciplina de Didática de Licenciatura, em 2 diferentes turmas, totalizando 52 produções. Para a produção desses dados, solicitou-se aos alunos que, examinando as memórias de sua trajetória escolar, narrassem por escrito a melhor aula de que se recordassem. De fato, os estudantes apresentam diferentes configurações de aula no espaço-tempo em suas memórias destacadas como mais relevantes; dessa forma, interpelam a organização escolar tradicional e reorganizam a sala de aula. A análise apoia-se nas categorias de espaço e tempo e, para falar de tempo, retoma-se as noções de Chronos e Kairós. Considera-se, nessa direção, que o tempo do aprendizado pode ser percebido a partir de distintas representações (cronológica e qualitativa).
Palavras-chave: aula; didática; formação docente.

ABSTRACT:
In this text, we propose a discussion about the classroom, based on data produced as part of qualitative research funded by Fapemig. We sought to discuss the perception of undergraduate students enrolled in a degree program about the classroom as an event. To this end, we analyzed the narratives of students enrolled in the Didactics of Undergraduate Studies course, in two different classes, totaling 52 productions. To produce this data, we asked the students to examine their memories of their school career and write down the best lesson they remember. In fact, the students present different classroom configurations in the space/time in their memories that are most relevant, thus challenging the traditional school organization and re-organizing the classroom. Our analysis is based on the categories of space and time and, to talk about time, we return to the notions of Chronos and Kairós. In this respect, we consider that learning time can be perceived from different representations (chronological and qualitative).
Keywords: class; didactics; teacher education.

RESUMEN:
En este texto, proponemos una discusión sobre el aula, a partir de datos producidos como parte de una investigación cualitativa financiada por Fapemig. Buscamos discutir la percepción de estudiantes de grado matriculados en una carrera sobre el aula como evento. Para eso, analizamos las narrativas de alumnos matriculados en el curso Didáctica de la Licenciatura, en dos clases diferentes, totalizando 52 producciones. Para producir estos datos, pedimos a los

alumnos que examinaran sus recuerdos de su trayectoria escolar y escribieran la mejor lección que recordaran. De hecho, los alumnos presentan diferentes configuraciones del aula en el espacio/tiempo de sus recuerdos más relevantes, desafiando así la organización escolar tradicional y reorganizando el aula. Nuestro análisis se basa en las categorías de espacio y tiempo y, para hablar del tiempo, volvemos a las nociones de Chronos y Kairós. En este sentido, consideramos que el tiempo de aprendizaje puede percibirse desde diferentes representaciones (cronológica y cualitativa).
Palabras clave: enseñanza, didáctica, formación del professorado.

Introdução

Neste texto, propomos uma discussão a partir de dados produzidos no âmbito de pesquisa acadêmica de natureza qualitativa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). O estudo que pretendeu investigar a construção de saberes sobre a docência foi realizado com estudantes de graduação de uma universidade pública de prestígio da região Sudeste. Detemo-nos sobre percepções dos estudantes de graduação matriculados em cursos de licenciatura acerca da aula como um acontecimento marcante, um evento memorável. Nesses registros manifestados por escrito em textos individuais, autorais, eles reelaboram suas memórias acerca da trajetória pregressa como alunos na escola.

Deve-se fazer uma ressalva: há outros trabalhos em que se investiga a aula, mas ela é adjetivada e, portanto, trata-se de algum conteúdo ou matéria específica. Nesse sentido, são inúmeras as pesquisas acerca da aula de matemática, de língua materna ou estrangeira, de ciências e de outras áreas. Nós, diversamente, analisamos a narrativa de estudantes matriculados na disciplina de Didática de licenciatura, em 2 turmas, sendo uma do período da manhã e outra do turno da tarde, totalizando 52 produções. Cada relato vem acompanhado das informações como: turma de origem, número do aluno e curso. São turmas diurnas e compostas de forma heterogênea, com estudantes de áreas de Ciências Humanas, Linguagens e Ciências da Natureza com 40 estudantes. Encontram-se, em média, no quarto período do curso, o que configura que se encontram por volta da metade do percurso de seus cursos de graduação.

Neste artigo, detemo-nos sobre uma questão aparentemente óbvia: o que é a aula? E o fazemos a partir das experiências descritas pelos discentes. Verificamos num preliminar levantamento bibliográfico nas principais bases de pesquisa — tais como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT) — que não existem outros trabalhos acerca dos sentidos atribuídos pelos estudantes à aula. Uma aproximação constitui-se no trabalho de Cardoso (2020), que assume, contudo, perspectiva distinta da nossa, pois se dedica a uma análise sob uma perspectiva sociológica. Temos em comum o ponto de partida: o trabalho com turmas de

licenciatura na Faculdade de Educação. Mas, se ambos pisamos o terreno da formação de professores e buscamos pensar a partir daí o que é a aula, a lente específica deste estudo que aqui apresentamos, no entanto, é a da Didática.

Todos os estudantes concordaram em participar da pesquisa em andamento, mediante o aceite expresso por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); ressaltamos que a identificação dos estudantes foi preservada. Tomando a perspectiva da pesquisa-ação, para a produção dos dados, solicitamos aos alunos que narrassem por escrito com riqueza de detalhes a melhor aula de que podiam se recordar de sua trajetória escolar. Os textos foram redigidos à mão, durante o período da aula da disciplina de Didática de licenciatura na graduação. A leitura dos dados produzidos se pauta na Análise de Conteúdo conforme Bardin (1977).

Fazemos a seguir, a título de introdução ao tema, uma brevíssima consideração acerca da história da sala de aula e da aula. Em seguida, tomando os conceitos de tempo, examinamos o relato dos estudantes de licenciatura sobre vivências pregressas marcantes em sua trajetória escolar. Notamos, no material analisado, a presença de elementos que se relacionam com a subjetividade de cada sujeito. Além disso, a partir da leitura destas produções emergem distintas concepções de aula, que podem ser lidas mediante as categorias de tempo e espaço (lugar), demonstrando a necessidade de mobilizar ou não um "quando-onde" específico para o ensino intencional e planejado.

A aula e a sala de aula no tempo e espaço

Cardoso (2020, p. 239) se refere à aula como um dispositivo cultural. O autor pondera que esta pressupõe um momento formativo, de modo que, não se trata de um encontro entre iguais. O que leva o autor a considerar que, dada a assimetria, a aula é sempre um espaço de poder e de autoridade. Sem dispensar essa dimensão salientada pelo autor, definimos aqui a categoria *aula* como evento socioprofissional docente singular e irrepetível, trata-se de um acontecimento que implica uma relação intersubjetiva situada num tempo e lugar.

Expomos, por esta via, uma reflexão acerca da aula como contato pedagógico presencial ou ainda em sua vertente remota síncrona. Logo, consideramos a aula como configurando-se um encontro, reunindo em um mesmo tempo e lugar distintos sujeitos em torno do ato de aprender algo/ensinar algo. Ao buscar definir a aula como ato pedagógico, limitamo-nos a considerar a esfera escolar. Remetemo-nos ainda a Cardoso (2020), o autor destaca que a aula é uma função fática. Com a assertiva, pretende-se afirmar que o processo comunicativo

intrínseco à aula é entremeado por questões que visam a conferir se o outro o compreende e acompanha, seja na explanação, no raciocínio ou na ação que se desenrola. Por meio de tal ênfase, ressaltamos que não pretendemos tratar daquelas aulas assíncronas (gravadas), disponíveis nas diferentes plataformas, em que não há interação direta entre estudantes e professores. Essa escolha se justifica, sobretudo, por conta de este tipo de exposição de conteúdos não se incluir entre os apresentados nos escritos dos alunos que analisamos.

Observamos que a aula pode ser classificada por um conjunto de práticas pedagógicas determinadas a partir de um planejamento prévio e executado dentro de um tempo-espaço específico por um profissional. No entanto, se tomarmos a aula em sua dimensão sociopráticа, percebemos uma pluralidade de perspectivas e dimensões atribuídas a ela. Para melhor compreendê-la, é preciso entender os processos sociais e históricos que delinearam o fazer pedagógico do professor e o campo educacional.

Discutir o sentido do termo *aula* leva, na maior parte das vezes, a invocar seu lócus, a sala de aula. As duas são interdependentes, mas diferem em suas funções; por isso, não devem ser confundidas. A sala de aula é um dispositivo formal, parte do equipamento da escola que se materializa a partir da constituição de um mobiliário tipicamente escolar. Conforme aponta Silva (2008), as salas de aula são ambientes, em geral, fechados, forjados especificamente para promover o ensino e a aprendizagem. No entanto, aula e sala de aula podem transpor a concretude física de espaços que lhes é atribuída, concretude decorrente da relação dialógica que se estabelece entre elas a partir de suas ressignificações ao longo do tempo. A aula é o cerne da ação da escola? O coração da docência? Para entender as dimensões que constituem a aula, é preciso entender as disputas e os conflitos envolvidos em sua função social, pois a aula em si, o professor, os estudantes e a prática educativa variam conforme a compreensão que se tem delas.

Examinar a origem da aula e da sala de aula exige pensar o comportamento de povos e culturas antigas, anteriores à contemporaneidade. Considerando que a história, segundo destaca Cambi (1999), é um organismo. É preciso reconstruir o caminho, dentro de sua complexidade e não linearidade, a fim de compreender os sentidos que nos apresenta. Assim sendo, é necessário desconstruir o formato atual de aula da cultura ocidental, entendendo que os elementos atribuídos à escola nem sempre caminharam do mesmo modo, com a função de cumprir com um projeto pedagógico ou grade curricular tal qual compreendemos hoje. É importante observar que, mesmo hoje, essa compreensão não é unívoca, embora predominem alguns aspectos que ainda se conservem.

No entanto, antes disso, a aula constituiu-se em um espaço formação humana e cultural fundamentais para as organizações mais antigas. Alguns estudos em torno da história da educação e da pedagogia nos permitem entender o surgimento das primeiras estruturas voltadas à transmissão do conhecimento. De acordo com Manacorda (1992), embora tenha havido civilizações anteriores, os povos do antigo Egito se destacam no que se refere à educação e à organização política, pois há uma riqueza de elementos históricos descobertos e coletados que nos apontam ações de instrução, visto que utilizavam dos conhecimentos da geometria, da astronomia, da escrita, dos cálculos etc. como instrumentos intelectuais e práticos. Cambi (1999) aponta que os templos eram os locais de aprendizagem; neles, a casta sacerdotal era responsável por consolidar conhecimentos sobre escrita e aritmética para operar na formação das profissões de escribas ou sacerdotes. "A aprendizagem se fazia por transcrição de hinos, livros sagrados, acompanhada de exortações morais e de coerções físicas" (Cambi, 1999, p. 67).

A educação também se dava no seio familiar, os pais ou parentes ensinavam os ofícios de artesão aos filhos que aprendiam por meio da reprodução a partir da observação prévia dos afazeres. É importante salientar que, tanto no Egito quanto na Mesopotâmia, entre outros povos antigos, a educação intelectual era reservada às classes dominantes, enquanto o povo, as castas mais pobres, ocupava-se de aprendizagens e profissões do trabalho de ordem manual.

A Civilização Grega marca, segundo Cambi (1999), um tempo de mudança de paradigmas pela forma de organização política e social. Essa mudança é nutrida pela racionalidade, fator que, segundo o autor, "diferenciá-la-ia" de outras civilizações, visto que o mundo grego teria um ideal de vida constituído pela forma de pensar. Apesar de o autor apoiar-se numa leitura eurocentrada da cultura ocidental, parece-nos importante apontar essa herança histórica, na medida em que ainda se assenta em resquícios dela boa parte da educação contemporânea. Essa racionalização era baseada no rigor de princípios e conhecimentos, tendo como direção a crítica e a construção de conhecimentos forjados em uma teoria revestida da experiência humana e do saber orgânico. O autor - seguindo a visão eurocêntrica que predomina por séculos, afirma o *Logos* como uma descoberta dos gregos.

Na Grécia, duas distintas possibilidades se apresentaram na contraposição entre Esparta e Atenas, por suas características e estruturas baseadas em modelos distintos, com a primeira voltada para a formação militar, por intermédio da disciplina, e a segunda para o desenvolvimento intelectual, por meio da arte e da filosofia. Entre elas, Atenas foi a população que mais exerceu influência sobre o povo grego, influência essa que repercutiu nos conceitos filosóficos, pedagógicos e antropológicos em que nos baseamos também nos dias presentes e

que perduram na cultura escolar. No século V a.C., os ideais atenienses excluem mulheres e trabalhadores assim como estrangeiros, visavam apenas a uma formação do cidadão (compreendido unicamente como sujeito ateniense de sexo masculino livre). E para isso, para além da aprendizagem do alfabeto e da escrita, era valorizada uma formação em Filosofia, Literatura, Música e Oratória. No que se reporta aos locais destinados à aprendizagem, encontramos, na literatura, os ginásios, as palestras (pátios), a àgora (praça pública) e a residência dos mestres, onde jovens "frequentavam a escola e a palestra, onde eram instruídos através da leitura, da escrita, da música e da educação física" (Cambi, 1999, p. 84).

Detivemo-nos brevemente nos processos educativos de alguns dos povos antigos, porque se configuram o exemplo de organização semelhante ao que se tem institucionalizado por meio das políticas educacionais contemporâneas. Atenas foi berço de ideais de formação que estão refletidos ainda hoje nos modelos pedagógicos ocidentais, expressa sobretudo no predomínio do pensar sobre outras dimensões da existência humana. O pensamento socrático e de outros filósofos sucessores forjam o modelo pedagógico dentro das experiências gregas da paideia. Sócrates tem a maiêutica como proposta de formação, a qual, por meio do diálogo, suscita questionamentos e a investigação, com prevalecimento do Logos. Por isso, "a ação educativa de Sócrates consiste em favorecer tal diálogo e a sua radicalização, em solicitar um aprofundamento cada vez maior dos conceitos para chegar a uma formulação mais universal e mais crítica" (Cambi, 1999, p. 88).

A sala de aula viria a ser arquitetada a partir da necessidade de criar estruturas adequadas para transmitir conhecimentos, especialmente a partir do surgimento das escolas monásticas na Idade Média, quando monges ensinavam em ambientes religiosos. Inicialmente, a aula não deteve objetivos pedagógicos como alfabetização de crianças, mas visava a uma educação moral, voltada para a catequização nos rituais católicos. Segundo Durkheim (1992 *apud* Silva, 2008, p. 19), foi necessário para a Igreja compreender que "não bastava apenas pregar, confessar, catequizar, que o verdadeiro instrumento de dominação das almas era a educação da juventude. Decidiram, então, apoderar-se dela. O desenvolvimento das escolas, das salas de aula e dos currículos segue essa compreensão.

No Brasil, como consequência da colonização, as missões jesuíticas marcaram o início da educação com a catequese. Por imposição violenta atrelada ao epistemicídio, suplantando a cultura dos povos originários, procedeu à conversão dos colonizados à religião do catolicismo. Ensinar, portanto, era catequizar. O ensino da moral católica a serviço da dominação colonial operava a partir da impossibilidade de outros modelos éticos/étnicos. Candau (2020) ressalta

como a educação esteve a serviço da colonização em toda a América Latina. Como aponta Silva (2008, p. 19), "a catequização era revestida de um caráter pedagógico, vista como alternativa de conversão pelo convencimento por meio de práticas pedagógicas institucionais que enfatizavam a leitura, a escrita e o cálculo".

Como discutido nos exemplos, as configurações políticas e sociais orientaram o início das práticas educacionais em ambientes destinados a atividades de ensino, com foco ora no desenvolvimento de habilidades cognitivas de apenas uma parte da população, ora na preleção moral. A marca que prevalece em ambos os casos é a da autoridade como modelo — o mestre como exemplo do modo adequado de pensar (racionalidade) ou do agir (moral) que deve vir a ser introjetado.

Somente diante da demanda pela qualificação da população é que se viu como relevante estender a escolarização às camadas mais amplas da população. Sobretudo no século XX, desenvolveram-se teorias e metodologias que embasam as práticas pedagógicas centradas nos sujeitos aprendizes, rompendo com o modelo embasado no mestre. Existem, portanto, diferentes concepções e formas de entender a sala de aula e a escola. Como nos aponta Silva (2008), algumas delas foram a implementação do ensino individual, do método intuitivo, dos ideais escolanovistas e dos modelos tecnicistas. Não vamos nos ater a elas por vir a se constituir uma tarefa hercúlea. Mas é importante não as esquecer como pano de fundo nesta discussão que propusemos. Embora existam abordagens teóricas que preconizam a ação pedagógica centrada no estudante, ainda há nos relatos dos estudantes, um predomínio de um fazer pedagógico centrado na ação do professor.

O tempo e o espaço na sala de aula

Mas, então, o que é uma aula? Seu sentido maior é o da aprendizagem como manifestação da escolarização. Alguns aspectos internos dizem respeito a sua organização sistemática; são elementos como objetivo, método, avaliação etc. Eles delimitam-se pela estrutura física das escolas, pelo currículo, pelos equipamentos e pelos materiais disponíveis. Mas, sobretudo, apoiamo-nos em Araújo (2008) quando aponta que a aula é uma forma de comunicação entre os sujeitos professores e alunos. Ela constitui-se a atividade central exercida pela instituição escolar e envolve práticas com finalidades e objetivos definidos. Além disso, a aula é impregnada pelos sujeitos da ação. Ela está revestida das intersubjetividades do professor e dos estudantes, de suas convicções, da formação, da profissionalidade docente e da cultura de ambos, inseridos em determinado contexto social, econômico, cultural e escolar.

Para nos aproximarmos das concepções manifestas pelos estudantes, consideramos que o evento *aula* abriga, além da dimensão do espaço, outra dimensão correlata: o tempo. Como um evento social e histórico, desenrola-se num tempo e lugar, um aqui e agora. É, desse modo, situada e tem duração definida. Com tudo isso, compreendemos que a aula só pode ser definida até certo ponto, pois, como um acontecimento, um evento irrepetível, é uma *performance* única, suas significações são subjetivas, de ordem simbólica, a partir da experiência de cada indivíduo envolvido na ação. Sendo assim, o tempo ou tempo-aula determina a distribuição do trabalho, "os conteúdos, os métodos, as técnicas e a avaliação, com vistas à garantia da aprendizagem, que pode ocorrer fundamentada em concepções, teorias e métodos diferenciados" (Silva, 2008, p. 37).

A aula se refere à menor unidade da atividade pedagógica estabelecida dentro de um planejamento curricular. Como descrito na legislação brasileira, é "toda e qualquer programação incluída na proposta pedagógica da instituição, com frequência exigível e efetiva orientação por professores habilitados" (Brasil, 2006). No entanto,

> [...] além das dimensões quantitativas, tais períodos também apresentam seus contornos qualitativos, uma vez que a experiência do tempo das aulas envolve muito mais do que os minutos que estão estipulados. Envolve a temporalidade das relações, um tempo qualitativo, vivido como significação e sentimento impregnado na convivência entre professores e alunos (Leal, 2010, p. 2).

Identificamos a aula, portanto, como acima descrito, em duas diferentes perspectivas temporais, perpassadas pelas dimensões quantitativa e qualitativa. Essas duas dimensões podem ser mais bem representadas com o auxílio das figuras mitológicas gregas de Cronos e Kairós, a fim de definir duas noções do tempo antagônicas que estão vinculadas a elas. O tempo histórico, Cronos, é o tempo cíclico, entendido pela quantidade de tempo despendido, duração e período estabelecido. Essa dimensão interfere no trabalho pedagógico regulando-o, limitando-o e fixando-o. Já, por outra via, a vivência, a experiência vívida, significada, mais bem descrita com Kairós, segundo Garcia (1996), representa um momento único, carregado de potencial, quando surge a chance ideal para agir — é o ponto decisivo, a hora certa, o tempo mais propício.

Desse modo, pensar a aula, a partir da perspectiva de Cronos, é entendê-la dentro de uma cronologia estruturada e linear, contínua numa sequência, organizada por um currículo que prioriza o produto, isto é, a ênfase se coloca em cumprir um planejamento. Assim, se remete aos objetivos pedagógicos que visam, de modo geral, à prática tradicional de transmissão de conteúdos. Em contrapartida, pensar a aula no tempo Kairós, é compreendê-la por meio de sua significação e profundidade. Masetto (2019, p. 239) questiona:

> atuando em um "tempo cronos" que estabelece o tempo para o cumprimento de um extenso programa de conteúdos que devem ser transmitidos, e não conseguimos planejar práticas pedagógicas, através das quais os alunos possam dispor do "tempo kairós", necessário para conseguirem aprender.

Nessa direção, Kairós é o tempo dos processos. Seus aspectos essenciais são a reflexão, os atravessamentos e os afetamentos possibilitados pelo ato pedagógico.

Ao discutir o sentido do trabalho escolar, Perrenoud (1995, p. 19) lembra que o sentido nunca é dado *a priori*, mas constrói-se numa situação, numa interação e relação, a partir de um conjunto de valores e de uma cultura. Assim ocorre com o sentido da aula, como veremos a seguir.

A aula na experiência dos estudantes

Hannah Arendt (1990, p. 223) chama nossa atenção para o fato de que nos cabe apresentar o mundo às novas gerações. A propósito do pensamento da autora citada acima, Almeida (2013, p. 244) acrescenta: "A educação escolar é, antes disso, a oportunidade de conhecer um mundo mais velho, mais amplo e muito mais rico do que as crianças possam imaginar". Essa é a nossa responsabilidade. Almeida (2013, p. 244), examinando a obra de Arendt, ainda elucida:

> Apresentar um mundo que é mais velho não é, portanto, uma imposição que apaga a individualidade da criança, mas é mostrar para ela o mundo no qual ela vai se mover, e quanto mais ela conhece os diversos caminhos que existem – aqueles que já foram percorridos, os que foram interditados e os que foram abertos – mais liberdade ela terá de se engajar, por sua vez, em encontrar caminhos para nosso mundo, refazer os velhos ou inventar novos. Essa é a liberdade do cidadão que, junto a outros, delibera sobre o percurso do mundo. Antes de o indivíduo poder assumir essas responsabilidades, a instituição escolar tem a tarefa de familiarizá-lo com esse chão no qual caminhará.

E, ao nos dirigirmos a recortar a educação escolar, o conhecimento do mundo é organizado no currículo que, segundo destaca Masetto (2019, p. 234), estrutura-se em áreas, pois "a concepção atual de um processo de aprendizagem é complexa e envolve minimamente quatro grandes áreas de desenvolvimento: cognitiva, afetivo-emocional, habilidades e atitudes". Em que medida as explanações dos estudantes se aproximam dessas quatro grandes áreas? Cremos que nem todas elas se encontram expressas nos depoimentos coletados, ainda por vezes mais de um aspecto figure de modo amalgamado em seus comentários acerca da aula memorável. É importante ressaltar que, como vimos, para eles, o sentido de aula pode extrapolar a lição expositiva, chamada no senso comum como "dar aula". Mas parece-nos que se priorizam as dimensões de cognição e de habilidades.

A pesquisa de natureza qualitativa considerou dados produzidos em ambiente de sala de aula de graduação; analisamos as produções escritas dos estudantes acerca de suas experiências individuais pregressas em seus respectivos ambientes escolares. O tratamento dos dados se pautou na Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). Verificamos que predomina uma variada gama de possibilidades; a ação pedagógica descrita em seus relatos transita não só entre uma excursão ou atividade extraclasse, a exposição ou explicação de um conteúdo específico, mas também entre uma apresentação de trabalhos, realização de atividades, reflexões e rodas de conversa, além de contemplar outros elementos.

Por isso, a aula é, sobretudo, uma ocorrência em que predomina a interação intencional;

> a aula revela-se como intersubjetividade, como interação, como interpessoalidade [...] os sujeitos da aula realizam, intencionalmente, uma educação mútua: o professor aprende com o ensinar conteúdos, mas em vista do próprio aluno, que sinaliza sobre sua própria aprendizagem, bem como sobre o ensino desenvolvido pelo professor (Araújo, 2008, p. 50).

Qual concepção de aula prevalece? A aula marcante mencionada por cada estudante nem sempre tem um caráter da lição tradicional, mas, ao contrário, predomina, em geral, aquela que foge da rotina de uma aula expositiva. Por exemplo, ainda que ocorra no espaço delimitado da chamada sala de aula, haverá distinções no uso desse espaço, muitos dos participantes citam um ambiente disposto de forma diversa do convencional, abandonando, portanto, o uso de fileiras que dispõe um estudante após o outro. A participação ativa transforma o ato de aprender:

> *A melhor aula que tive foi durante o Ensino Médio, no último ano. O interessante sobre a experiência é que a aula foi dada por mim mesma. Em termos simples, a tarefa consistia em apresentar um conto designado de um livro da Lygia Fagundes com as próprias palavras e ilustrações do que o aluno acreditava ser a representação física das histórias contadas. Estava nervosa, mas, quando percebi que havia alunos interessados em participar do trabalho por meio da discussão dos temas apresentados, passei a gostar muito desse tipo de exercício* (C1/A14 Letras).

Os estudantes destacam situações em que se posicionam sentados em outros formatos, como o círculo: "*Eu me lembro de que a sala estava disposta em círculo, com todos sentados, inclusive o professor, e ele explicou um pouco de como nosso sistema nervoso funcionava*" (F2/A3 Ciências Biológicas).

Os discentes apontam ainda o exercício de fazer apresentações, como podemos ver abaixo:

> *A melhor aula que tive foi durante o Ensino Médio* [...], *a aula era de Sociologia com um professor que me era muito querido na época. A aula em questão era uma apresentação de trabalhos em grupos* [...]. *Meu grupo era para fazer uma introdução*

> *ao pensamento de Marx (assunto que me interessava bastante), comecei a apresentação e falei por horas, sem parar. Foi uma experiência incrível, pois meus colegas e amigos foram muito participativos na apresentação e o sentimento de falar sobre algo que gostava e que me dediquei a aprender e poder ser ouvido, foi ótima* (F2/A7 Artes Visuais).
> *A minha melhor aula foi no último ano do Ensino Médio* [...], *aulas direcionadas a semana do novembro negro, onde cada turma deveria fazer uma oficina sobre o tema* [...]. *A minha turma fez atividades onde demonstramos como* quiz *e dinâmicas, como o racismo, o acesso ao sim e ao não de lugares, oportunidades e contextos sociais. Me lembro de fazermos um "Eu nunca" com perguntas com perguntas como "Eu nunca fui seguido por um segurança"*. [...] *Além dessa atividade, fizemos um ensaio fotográfico onde o objetivo era destacar o cabelo dos alunos crespos e cacheados, essas fotos foram impressas e espalhadas pela escola como forma de valorizar a beleza negra da comunidade escolar* (F2/A18 Educação Física).
> *Tínhamos apenas uma professora responsável por nos passar o conteúdo das* [matérias de] *Biologia, Física e Química. Essa professora, então, teve a ideia de passar um seminário para nós, alunos, a turma seria dividida em grupos e cada grupo apresentaria (ensinaria) aos colegas uma parte do conteúdo.* [...] *Assim, a melhor aula que me recordo durante a vida na sala de aula foi ministrada por uma aluna. Era muito comum nos alunos do nono ano da minha escola a tentativa de um ensino melhor, por isso muitas estudavam para escolas federais (Cefet, Coltec, IFMG) através de cursinhos. Uma aluna que estudava em um desses cursinhos explicou o conteúdo de Física (matéria que sempre tive dificuldade) de maneira tão leve e dinâmica que me fez aprender de maneira instantânea* [...] (F2/A19 Letras).

Outros relatam atividades que requerem mobilizar a criatividade por parte do aluno, com foco na prática do conteúdo, como discussão ou elaboração de uma apresentação ou produção de materiais: "*Essa aula foi marcante pois foi a minha primeira experiência de construção de soluções para um problema 'em aberto', trocando conhecimento com outros colegas e me inspirou a utilizar metodologias semelhantes ao ministrar aulas*" (C1/A11 Matemática).

Também se conta sobre o uso de massinha para construir modelos científicos: "*A melhor aula que tive na vida ocorreu no meu segundo ano do Ensino Médio e foi uma aula de Biologia, na qual, após aprender teoricamente o processo de divisão embrionária, cada aluno recebeu massa de modelar para reproduzir em 3D cada fase da divisão*" (F2/A5 Ciências Biológicas).

Eles relatam sobre aquelas situações em que foram convidados a representar o conteúdo do texto literário em outras linguagens:

> *A melhor aula que tive foi, surpreendentemente, durante a pandemia, no Colégio São B. Devido às aulas on-line, os professores começaram a pedir que os alunos usassem recursos tecnológicos na entrega de tarefas. Seguindo essa linha, meu professor de Português e Literatura do segundo ano do Ensino Médio passou um trabalho que envolvia a adaptação de livros do realismo em fotonovelas. Isso me fez perceber que os romances têm espaço para nossa criatividade, e me motivou na escolha de fazer Letras, dois anos depois* (C1/A12 Letras).
> *Em uma aula de Literatura, após terminarmos a leitura de "O Príncipe e o Mendigo", nos fantasiamos dos personagens e, na sala de aula, preparamos um "banquete", com coisas de café da manhã. Ali, discutimos nossa opinião acerca do livro e incorporamos a ficção, já que estávamos no sétimo ano e nossa mente era bastante disposta ao "faz de conta"* (F2/A4 Letras).

Os alunos, ademais, sublinham o fato de receberem uma visita durante a aula:

> *Era uma aula de Educação Física com um professor que eu admirava muito a maneira de dar aula e que me inspirou a escolher o meu curso atual.* [...] *A aula em questão era de dança. Eu gostei muito da aula, pois ele levou um grupo de hip-hop de fora* [...]. *O objetivo da aula era ensinar um pouco da cultura hip-hop, conscientizar sobre racismo e outras pautas por meio da dança e incentivar os alunos a participarem, mesmo sem ter muito costume com a dança.* [...] *Ao final, aprendemos a coreografia e fizemos uma "apresentação"* (C1/A17 Educação Física).

Encontramos ainda alunos que participaram ativamente da construção das aulas. Abaixo, selecionamos mais um exemplo que ilustra essas observações, no qual o estudante destaca a vivência do conteúdo:

> *Eu estava no último ano do Ensino Médio* [...], *em uma aula de inglês que sempre foi uma das minhas preferidas.* [...] *Naquela aula, estávamos apresentando um trabalho que consistia na escolha de uma música que gostávamos muito, a apresentação da tradução a partir de pesquisas e da nossa interpretação da letra, tudo isso em um cartaz que acompanhava uma ilustração autoral feita a partir do que sentimos ao escutar e analisar a canção. As apresentações foram feitas na biblioteca em um horário em que estava vazia, nos sentamos em círculo e demos início às apresentações* (C1/A16 Letras).

Ao final das narrativas, os estudantes relatam, muitas vezes, suas justificativas sobre avaliar aquela aula como a melhor, a mais marcante de sua vida escolar. No entanto, percebemos que algumas aulas não possuíam como características essenciais a participação ativa do estudante ou a ocorrência de atividades divertidas ou fora do tradicional. Reconhecem uma boa aula por compreenderem o conteúdo. Encontramos em seus discursos diversos fatores com que eles se identificaram, que, em sua maioria, têm relação com a didática e o modo de atuação do professor, direta ou indiretamente. Nesse sentido, emerge a distinção entre o tempo de qualidade, na perspectiva que distingue Cronos e Kairós. Os estudantes destacam o *pathos* (paixão) como elemento distintivo da aula. Aqui a característica posta em destaque nos remete a Masschelein (2014) quando o autor considera a aula como um intervalo ou *suspensão,* mais ainda ao ponderar que o professor é um *amateur* que mobiliza a atenção dos estudantes por seu *entusiasmo.* Recorrendo ao dicionário etimológico (Cunha, 2005), conferimos que a palavra *entusiasmo* vem do latim tardio *enthusiasmus*, e esta originalmente, do grego antigo *enthousiasmós*. *Entusiasmo* provém, então, de duas palavras: *en* e *theós*. "*En* detém o sentido de posição interior, movimento para dentro" (Nascentes, 1955). Já *Theós* é traduzido por deus. Assim, *enthousiasmós* significaria literalmente *ter um deus dentro de si*. Etimologicamente, trata-se da "inspiração ou êxtase provocado por uma divindade. Como se sentia o oráculo de Delfos, nos momentos de dar o oráculo" (Nascentes, 1955).

Vejamos a seguir as descrições feitas pelos estudantes:

> "*foi a primeira vez que eu senti, em muito tempo, a sede por entender e elucidar um problema, já que meu professor sempre foi muito bom em prender a atenção da turma*[...], *mas a paixão por levar os estudantes até o prazer que é entender foi o que me conquistou e deixou essa aula em específico tão viva na minha memória. O conteúdo em si não foi tão importante, visto que segui na Biologia, mas* a paixão *por levar os estudantes até o prazer que é entender foi o que me conquistou e deixou essa aula em específico tão viva na minha memória* (F2/A1 Ciências Biológicas).
> *Foi uma aula que me marcou muito pela maneira que o professor conduziu a aula, de maneira leve, porém extremamente efetiva, apresentando tanto na teoria quanto na prática todo o conteúdo programado, permitindo que os alunos vivenciassem ao todo a experiência. A aula por si só não foi especial apenas pelo conteúdo, mas sim pela maneira de como foi apresentado* (C1/A8 Educação Física).
> *Tive uma aula da matéria de Literatura, na qual o professor propôs uma análise conjunta sobre o livro intitulado* Vermelho amargo. *A análise consistia na reunião da turma em um círculo, onde cada aluno lia uma parte do livro e, em cada parágrafo importante, o professor pausava a leitura e fazia uma interpretação sobre o que lemos, seja por gesto ou por fala. O que eu mais gostei dessa aula foi como o olhar do professor me ajudou a desenvolver um olhar diferente para a leitura* [...]. *Depois dessa aula, eu entendi que um livro não precisa ser lido de uma forma certa, cabe ao leitor dar sentido ao que lê. Além disso, uma das minhas aulas preferidas era só estar sentada ouvindo-o falar* (F2/A6 Ciências Biológicas).

Por último, percebemos que muitos estudantes deram sinais de interesse pela docência por meio dessas experiências, dessas aulas, porque foram consideradas importantes e marcantes em suas trajetórias escolares. Notamos, em grande parte, uma identificação com os professores responsáveis pelas aulas mencionadas. Os licenciandos citam o modo de o docente conduzir a aula, fomentar a curiosidade, abrir espaço para conversa, demonstrar domínio de conteúdo etc. E muitos deles demonstram ater-se a essas vivências como inspiração e motivação para "colocar em prática" alguns exemplos em suas aulas. Demonstram também perceber que essas mesmas experiências os motivaram na escolha do curso.

Enfim, respaldadas nos dados produzidos, verificamos que as aulas vivenciadas, muitas vezes, são lembradas por razões epistemológicas e, outras vezes, podem ser destacadas por razões estéticas, pelo sentimento de prazer que despertam ao propiciar a realização de uma atividade ou pela compreensão de uma matéria de estudos. Os textos dos graduandos são testemunho de que o ato pedagógico é, sobretudo, um tempo Kairós, um tempo de qualidade, de aprendizado, que se distingue e merece ser rememorado.

Considerações finais

Ao longo do texto, discutimos sobre alguns aspectos históricos, culturais e sociais em torno da aula. A partir das discussões e do relato dos estudantes, emergem perspectivas que exploram diversas formas de organização do trabalho pedagógico, envolvendo de diferentes

modos professor e aluno, pois as aulas relatadas refletem a mobilização do tempo do Kairós, percebemos nos relatos que os alunos valorizam as experiências vividas.

Tendo em vista o pano de fundo sócio-histórico, podemos dizer que o conceito de aula é multifacetado, pois assume diferentes sentidos, sustentados pela cultura-tempo-espaço. Mais do que um simples momento de transmissão de conteúdo, ele implica em sujeitos engajados na ação, investidos de protagonismo. Como objeto de pesquisa, a aula segue nos desafiando. Ela é uma atividade construída continuamente, influenciada por políticas públicas, pela pedagogia, pelas propostas curriculares e pelos interesses dos indivíduos e dos grupos sociais que compõem a comunidade escolar. Assim, mesmo sendo essa uma unidade comum na rotina escolar, segue como um campo aberto para estudos e pesquisas. Ela pode revelar muito sobre o trabalho dos professores e sobre o papel da escola na sociedade.

Referências

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. Recém-chegadas e estranhas: as crianças e o mundo comum na obra de Hannah Arendt. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 229-247, maio/ago. 2013

ARAÚJO, Márcia B. **Ensaios sobre a aula:** Narrativas e reflexões da docência. Curitiba, Intersaberes, 2008.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CES nº 261/2006**. Dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora-aula e dá outras providências. Brasília, DF: MEC, 2007. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/estrutura-organizacional/orgaos-especificos-singulares/secretaria-de-educacao-profissional/legislacao-atos-normativos/pareceres-do-conselho-nacional-de-educacao-cne. Acesso em: 10 abr. 2025.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CANDAU, Vera. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Rev. Espaço do Currículo**, v. 13 n. Especial, 2020.

CARDOSO, Frederico Assis. O que é uma aula: análises sociológicas sobre a construção de uma atividade do trabalho docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 229–257, 7 ago. 2020.

CUNHA, Antônio G. da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

DURKHEIM, Émile. **Historia de las doctrinas pedagógicas.** Madrid: La Piqueta, 1992.

GARCIA, Joe. Cronos e Kairós: repensando a temporalidade do currículo. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 19., 1996, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: Anped, 1996.

LEAL, Álida Angélica Alves. Hora aula. *In*: OLIVEIRA, Dalila A.; DUARTE, Adriana M. C.; VIEIRA, Lívia M. F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

MANACORDA, Mario Alighiero. História da educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1992.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marteen. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MASETTO, Marcos Tarciso. Tempo, Espaço e Práticas Pedagógicas. *In*: SILVA, Marco, ORLANDO, Cláudio; ZEN, Giovana (org.). **Didática**: abordagens teóricas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2019.

PERRENOUD, Philippe. **O ofício do aluno e o sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: [*s. n.*], 1955.

SILVA, Edileuza Fernandes da. A aula no contexto histórico. *In*: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas, SP: Papirus, 2008. p.15 a 44.